



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2738 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 08 - Formação de Professores

PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS EM PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS TEMPOS DO TRABALHO

Fernanda Bindaco da Silva Astori - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
Silvana Ventorim - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Este estudo analisa os sentidos produzidos sobre o processo de pesquisa-formação, compartilhados por meio de narrativas (auto)biográficas de cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola pública do Espírito Santo, a partir da seguinte indagação: quais elementos as professoras apontam como constituidores da articulação entre pesquisa e formação continuada de professores no contexto da escola? Considera a pesquisa como uma prática de formação e as práticas de formação como dispositivos de investigação. A metodologia qualitativa é ancorada na pesquisa narrativa (auto)biográfica e tem como instrumento as entrevistas biográficas para a produção de narrativas, com aportes teórico-metodológicos em Walter Benjamin, Marie-Christine Josso, António Nóvoa e Elizeu Clementino de Souza. As narrativas orais e escritas apontaram que as professoras consideram que o processo de partilha de experiências, mediadas por relações colaborativas entre os sujeitos, fomentaram seus processos formativos. Indica a potencialidade da articulação de movimentos formativos que consideram o professor e seus saberes no contexto de formação continuada na escola.

Palavras-chave: Formação continuada de professores. Partilha de experiências. Pesquisa-formação. Narrativas.

PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS EM PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS TEMPOS DO TRABALHO

Resumo

Este estudo analisa os sentidos produzidos sobre o processo de pesquisa-formação, compartilhados por meio de narrativas (auto)biográficas de cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola pública do Espírito Santo, a partir da seguinte indagação: quais elementos as professoras apontam como constituidores da articulação entre pesquisa e formação continuada de professores no contexto da escola? Considera a pesquisa como uma prática de formação e as práticas de formação como dispositivos de investigação. A metodologia qualitativa é ancorada na pesquisa narrativa (auto)biográfica e tem como instrumento as entrevistas biográficas para a produção de narrativas, com aportes teórico-metodológicos em Walter Benjamin, Marie-Christine Josso, António Nóvoa e Elizeu Clementino de Souza. As narrativas orais e escritas apontaram que as professoras consideram que o processo de partilha de experiências, mediadas por relações colaborativas entre os sujeitos, fomentaram seus processos formativos. Indica a potencialidade da articulação de movimentos formativos que consideram o professor e seus saberes no contexto de formação continuada na escola.

Palavras-chave: Formação continuada de professores. Partilha de experiências. Pesquisa-formação. Narrativas.

Introdução

A partir da década de 1990, o campo de pesquisa da formação de professores tem sido atravessado por perspectivas teóricas que consideram a centralidade do professor e de sua prática nos processos de formação continuada, levantando uma discussão em torno das condições de formação, da formação nos tempos do trabalho e espaços da escola, bem como a articulação de redes colaborativas e de relações dialogadas como formas de produção e socialização de

conhecimentos.

Partimos de uma perspectiva qualitativa, para pensar o professor-sujeito, o cotidiano escolar, a história de vida e a identidade profissional, o saber/fazer de experiência, enfim, conceitos que consideram o professor como produtor de conhecimentos na educação. Decorrente dessa concepção, a pesquisa com narrativas (auto)biográficas produzidas com as cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola municipal do Espírito Santo, mostrou-se como abordagem profícua de pesquisa e de formação (JOSSO, 2004), possibilitando repensar as abordagens teórico-metodológicas na pesquisa sobre formação de professores, diante dos novos contornos tomados pelo campo, ao investigar os processos formativos centrados na escola. Assim, as professoras assumem o protagonismo numa pesquisa processual, temporalmente construída com os sujeitos.

Referencial teórico

Compreendemos que uma das dimensões do conhecimento dos professores é a experiencial, resultante das buscas constantes por melhores formas de efetivar a prática pedagógica e da interação entre os professores na partilha dessas práticas exitosas que ficaram como experiências ao longo da vida. Benjamin (1994) se empenhou em compreender a produção dos sentidos e os processos humanos de constituição da subjetividade produzida nas relações com o outro e com a cultura, considerando o cotidiano e a singularidade dos sujeitos, pois nas relações nos apropriamos de conhecimentos historicamente produzidos. Contudo, Benjamin (1994) nos ajuda a compreender que esses conhecimentos de experiência feitos são cada vez mais marginalizados chegando à via de extinção, porque envolvidos na cadeia produtiva, cada vez temos menos tempo para compartilhar as experiências que construímos.

Na história de vida dos sujeitos, as experiências são singulares (JOSSO, 2004). Com Benjamin, entendemos que “[...] se imprime na narrativa a marca do narrador [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Assim, entendemos que o “mergulho” na experiência nos permite entrar “nela” e retirar “dela” conhecimentos carregados de sentidos que provocam mudanças qualitativas. Portanto, as partilhas de experiências são sempre inéditas e carregadas de sentidos produzidos na confluência das histórias de quem narra e de quem escuta, numa relação intersubjetiva. Desse modo, intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994) nos permite repensar a vida, a docência, a profissão, as identidades em construção, constituindo-se como momentos formativos por meio do saber-fazer dos professores.

A utilização dos escritos memorialísticos (auto)biográficos são fontes que abrem a possibilidade de se operar no âmbito da reflexão acerca dos processos de formação, em favor da história da profissionalização dos professores, buscando compreender o lugar desses escritos na construção da memória pessoal e social da profissão docente. Sendo assim, a memória na produção de estudos educacionais, por meio da escrita (auto)biográfica, permite reconhecer a riqueza das trajetórias intelectuais dos professores como processos singulares e coletivos de produção de sentidos sobre a docência e criação de processos identitários no desenvolvimento da profissionalidade docente (NÓVOA, 2007, p. 17).

Segundo Souza (2006a, p. 23), “Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método (auto)biográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação [...]”, como desenvolvemos nesta pesquisa, centrada nas memórias e autobiografias das professoras. Com esse viés formativo da pesquisa, nos inserimos na pesquisa de campo, com o objetivo não somente de recolher as narrativas das professoras, mas, de produzir conhecimentos com base na reflexão sobre as histórias narradas por elas acerca de seus processos formativos.

Pressupostos metodológicos

A perspectiva de configurar a pesquisa efetiva-se num estudo qualitativo com cinco professoras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, numa escola municipal do Espírito Santo. Helena, Kareem, Gabriela, Ana Luísa e Débora, professoras com faixa etária entre 29 e 60 anos e com habilitação superior para a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental. Para preservarmos a identidade das professoras, utilizamos esses pseudônimos, escolhidos por elas.

Para Nóvoa (2007, p. 7) “[...] as abordagens (auto)biográficas mantêm intactas todas as suas potencialidades heurísticas e constituem um marco de referência para a renovação das formas de pensar a atividade docente, no plano pessoal e profissional”. Com base nos pressupostos dessa abordagem metodológica, a pesquisa narrativa (auto)biográfica aqui proposta, abre-nos possibilidades de produção de dados. A epistemologia da pesquisa-formação pressupõe objetivos emancipatórios e constitui-se na confluência de objetivos teóricos, relacionados com a investigação e práticos, relacionados com a formação.

Assumimos o pressuposto de que produzimos pesquisa-formação, visto que as narrativas “[...] permitem ao sujeito em formação compreender o processo de conhecimento e de aprendizagem que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida” (SOUZA, 2006b, p. 135) e que o movimento da pesquisa permitiu repensar a prática docente e seus processos formativos, o que nos revelou o sentido e a pertinência da escrita (auto)biográfica na formação de professores.

As professoras materializaram, em forma de narrativas, os sentidos acerca da formação que têm vivido ao longo dos anos, que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para a análise interpretativa no trabalho. A análise interpretativa referenciou-se em Suárez e Dávila (2012), tendo sido sistematizada em torno de eixos de análise, a partir de “núcleos de sentidos” que atravessam as narrativas. Como pesquisadores, nos assentamos num “segundo lugar”

interpretativo, considerando que a professora, ao narrar sua experiência, foi a primeira a interpretar o que viveu como docente.

Foram realizadas três entrevistas biográficas com cada professora em encontros individuais e três encontros coletivos. Para cada uma dessas entrevistas, pontuamos eixos de discussão sobre os quais as narrativas foram produzidas: a partilha das experiências como formação; as redes coletivas de trabalho e de partilha em que ocorrem as trocas de experiências; os processos (auto)formativos vividos na vida-escola; a experiência de formação como participante da pesquisa.

A formação continuada vivida nos espaços-tempos do trabalho docente

Para uma melhor vinculação entre os dados, organizamos as narrativas das professoras em eixos de análise, para verificar as que defendem a partilha de experiências em seus processos de formação continuada e discutem as condições para que os saberes da experiência sejam valorizados no âmbito escolar e dos sistemas de ensino, considerando as redes coletivas de trabalho e de partilha de experiências e os processos de (auto)formação vividos por elas. Em seguida, para discutir os sentidos produzidos pelas professoras sobre a formação continuada e sobre a participação na pesquisa-formação.

A partilha

Consideramos que a produção das narrativas no movimento da pesquisa se deu a partir de questionamentos das professoras sobre o sentido da formação, ao longo da vida, que permitiram a aprendizagem pela experiência. Assim, as partilhas de experiências com os sujeitos no cotidiano escolar, ao longo da vida, foram fundamentais para a efetivação da prática pedagógica e para sua formação continuada. Quando o diálogo se coloca sobre o objetivo da partilha de experiências, as professoras narram:

Melhorar minha estrutura de planejamento, melhorar meu comportamento como professora, estar sempre aprendendo mais, trazer mais coisas interessantes pra sala de aula (Débora).

[...] a minha preocupação é compartilhar experiências para que a turma seja em nível das outras (Helena).

Pra trocar ideias, a gente tentar fazer junto atividades diferentes na sala de aula ou às vezes é como você vai ensinar esse conteúdo. [...] Então eu acho que é uma troca, pra tentar passar de uma maneira mais fácil pro aluno aprender (Karem).

O que mais leva a gente, não sei se posso dizer um desespero, mas hoje em dia a gente pega turmas com níveis cada vez mais diferentes. [...] na hora que você está conversando com seu colega, passando o seu problema ou ouvindo o problema dele, você vê um caminho, uma porta se abre (Gabriela).

O que mais te leva a procurar é quando te bate aquele desespero na sala de aula, que você vê o aluno com dificuldade, você acaba recorrendo a outras pessoas informações que possam te ajudar no que pode se fazer para melhorar a prática (Ana Luisa).

Observamos que é sobressaltada a partilha de experiências como estratégia imediatista para resolver situações desafiadoras, muitas vezes marcadas pela superficialidade, pela narração linear do que se fez, sem muita análise, dimensão que reconhecemos como legítima. Contudo, entendemos que podemos investir no potencial dessas experiências, como ponto de partida para estudos e aprofundamento teórico a partir da reflexão sobre a prática, uma vez que as próprias professoras manifestam essa necessidade, ao indicarem que seria interessante haver um “preparo” antecipado para o aprofundamento sobre suas práticas. Elas relatam que o que ocorre são manifestações espontâneas, não havendo espaços-tempos-formas pensados para que as experiências docentes sejam estudadas. Nóvoa (2002) faz essa reflexão, apontando a necessidade de investimento teórico-metodológico que traga à tona as concepções que permeiam o trabalho dos professores.

Durante a pesquisa de campo, a produção das narrativas orais e escritas pelas professoras desencadeou processos co-interpretativos (JOSSO, 2004) que se intensificaram com as discussões coletivas acerca das experiências formativas vividas pelas professoras no passado e também como participantes da pesquisa.

As professoras destacaram a importância dos movimentos coletivos, sobretudo para o professor iniciante e para a formação das novas gerações que iniciam a docência. Os sentidos produzidos pelas professoras sobre os seus processos formativos precisam ter visibilidade, inclusive porque, dos espaços escolares é que devem emergir novos paradigmas que nos ajudarão a entender melhor os dilemas do campo da formação de professores e produzir novas formas de caminhar.

Construir e reconstruir conhecimentos na prática docente demarcam novas tentativas de dar sentido às experiências, aos contextos e às histórias de vida como uma atividade singular para ampliar a vivência pessoal e profissional no processo de formação do professor. Desse modo, conhecimentos essencialmente emancipatórios foram pautados na pesquisa-formação, nas dimensões da pessoa dos envolvidos, de nossas práticas e da profissão (NÓVOA, 2007). Em muitos momentos as professoras consideraram que a experiência de participar da pesquisa estava provocando mudanças na forma de pensar os seus processos de formação. Destacamos o diálogo que segue, forjado no último encontro coletivo da pesquisa de campo, em que as professoras disseram sobre as experiências com a produção das narrativas (auto)biográficas.

Pesquisadoras – Pra gente ir encerrando, o que fica? [...] Vocês falaram bastante, mas queríamos que vocês mencionassem essa questão da escrita da narrativa, de falar de si, lembrar as experiências, trazer a vida de vocês. O que isso trouxe para você?

Karem – Eu achei bom. Achei que fosse ser mais difícil. Eu tive que fazer uma retrospectiva muito grande, de muita coisa que eu não lembrava mais.

Débora – Reconstruir os fatos vividos, do passado. Então isso é importante pra gente? É, porque a gente pode olhar pra trás o que não deu certo e reconstruir, replanejar o que não deu certo e o que deu a gente pode pensar coisas novas...

Gabriela – Reconstruir, mas também perceber que nós fizemos muita coisa, que a gente mudou muita coisa, transformou muita coisa, que a gente fez parte da vida de muitas pessoas [...]. Então faz a gente reconstruir e valorizar tudo o que nós fizemos, porque nós temos muito a mania de não valorizar o que a gente faz, de achar que não tem importância o nosso trabalho. E tem.

Débora – Porque foi uma mudança de eu mesma me conhecer. É um autoconhecimento de mim, essas narrativas que a gente escreveu. Cada uma se conheceu.

Helena – Foi forçar a mente também. Parecia tão simples, mas no fundo foi um esforço tão grande que a gente teve que fazer [...]. E no fim, foi uma recompensa, porque a gente conseguiu dar aquele resultado [...]. Quantas vezes a gente se perguntava: você já fez? Como você fez? Porque a preocupação nossa era tão grande em atingir o objetivo que a gente se ajudava, se falava.

Karem – Eu precisei sentar, pensar... A maior retrospectiva foi essa, porque eu não lembrava mais de nada (Encontro Coletivo).

A perspectiva de mudança, tão marcada nas narrativas das professoras, tem fundamento numa concepção de educação pautada na transformação da situação vivida em outra situação melhor, considerando a escola como uma instituição essencial para o desenvolvimento humano. Sendo assim, é possível inferir que os processos formativos vividos na pesquisa contribuíram qualitativamente para o desenvolvimento das professoras e estas reconheceram que, como professoras, puderam contribuir com o desenvolvimento das escolas onde atuaram e das pessoas com as quais conviveram.

O diálogo

Os sujeitos envolvidos e implicados com a pesquisa podem ocupar diferentes papéis. Contudo, numa perspectiva dialógica, a relação entre o pesquisador e os atores sociais envolve uma construção compartilhada de sentidos, a partir das diferentes narrativas sobre o objeto em construção, produzidas com base em diferentes pontos de vista, pelo lugar que cada um ocupa e pelas experiências vividas, pois “a noção de experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica” (NÓVOA, 1992, p. 14), capaz de abrir-se à interlocução, para a construção de redes coletivas de trabalho e partilha de experiências.

Desse modo, entendemos que temos saberes diferentes e que, portanto, não estamos acima do outro ou somos mais capazes de entender o universo do outro porque ocupamos o lugar de pesquisadoras, mas produzimos algo novo no encontro das vozes, no diálogo com o outro, numa relação horizontal, em que a escuta e o respeito ao outro são imprescindíveis ao modo como Benjamim (1987) considera a narrativa: como produto da própria experiência ou da experiência do outro, incorporada pelo diálogo. No processo de investigação, em que buscamos a escuta e a consideração das vozes das professoras, a postura assumida como pesquisadoras deixou impressões nas professoras, considerando que a sensibilidade e a escuta à voz do outro parecem ser ainda um grande desafio.

Ademais, as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa foram consideradas em sua legitimidade, pois interagimos dialogicamente e produzimos novos processos de aprendizagem ao longo da pesquisa-formação, o que nos permitiu

descobrir quem somos e do que somos capazes e também resguardar a experiência, pois “[...] ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Considerações finais

Nosso interesse nesta pesquisa foi analisar o que as professoras narram sobre seus processos formativos. Percebemos o pertencimento e o compromisso com a educação que fazem no cotidiano daquela escola e que tiveram com este processo investigativo e observamos como as professoras defendem a partilha de experiências como fundamental em seus processos formativos, uma vez que esse movimento faz com que estejam em processos permanentes de formação e de produção de conhecimentos, pela via do diálogo.

Compreendemos que no dia a dia da escola os movimentos das professoras em torno das partilhas de experiências demonstram a busca permanente por “saídas” diante das problemáticas que encontram. Essa busca, pode ser investida do ponto de vista teórico, por meio do estudo das práticas docentes e no fortalecimento das redes coletivas de trabalho que potencializam a autonomia da escola e o protagonismo do professor. Concluímos que esses elementos precisam ser observados por projetos e programas de formação continuada, pois importa levar em conta os saberes docentes.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. ISBN 85-11-12030-0.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. ISBN 85-249-1007-0.

NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2007. ISBN 978-972-0-34104-4.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 13-33. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4758>. Acesso em: 12 jan. 2017. ISBN 972-20-1008-5.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002. ISBN 972-8036-18-5.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências**: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006a. ISSN 0102-7735.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b. ISBN 85-7430-591-X.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. ISBN 978-85-7812-008-5.

SUÁREZ, Daniel Hugo; DÁVILA, Paula Valeria. Documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una modalidad de investigación interpretativa y una estrategia de formación de docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educación e ruralidades**: memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012. ISBN 978-85-232-0971-1.